



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CATHERINE ALESSA MARIA DE NOVAES VIANA

EDUCAÇÃO E MATERNIDADE: MINHA EXPERIÊNCIA COMO
ESTUDANTE-MÃE NO CURSO DE PEDAGOGIA DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

BRASÍLIA

2016

CATHERINE ALESSA MARIA DE NOVAES VIANA

EDUCAÇÃO E MATERNIDADE: MINHA EXPERIÊNCIA COMO
ESTUDANTE-MÃE NO CURSO DE PEDAGOGIA DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

Trabalho de conclusão de curso
apresentada ao curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília como
requisito para a obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

ORIENTADORA: Profa. PhD. PATRÍCIA LIMA MARTINS PEDERIVA

BRASÍLIA

2016

VIANA, Catherine Alessa Maria de Novaes

EDUCAÇÃO E MATERNIDADE: MINHA EXPERIÊNCIA COMO ESTUDANTE-MÃE NO CURSO DE PEDAGOGIA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA/ Catherine Alessa Maria de Novaes Viana - Brasília, 2016.

36 p.

Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade de Brasília,

Faculdade de Educação, 2016

Orientação: Profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva

1. Educação; 2. Maternidade; 3. Feminismo; 4. Estudante-Mãe; 5. Permanência;

CATHERINE ALESSA MARIA DE NOVAES VIANA

EDUCAÇÃO E MATERNIDADE: MINHA EXPERIÊNCIA COMO
ESTUDANTE-MÃE NO CURSO DE PEDAGOGIA DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

Trabalho de conclusão de curso
apresentada ao curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília como
requisito para a obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a PhD. Patrícia Lima Martins Pederiva - Orientadora
Departamento de Métodos e Técnicas/FE/UnB

Prof^a Dr^a Carmenísia Jacobina Aires Gomes
Departamento de Planejamento e Administração/FE/UnB

Prof^a Ms. Maria Aparecida Camarano Martins
Secretaria de Educação do Distrito Federal/SEEDF/Doutoranda/PPGE/FE/UnB

Ms. Saulo Pequeno Nogueira Florêncio
Doutorando/FE/UnB - Suplente

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| MEMORIAL..... | 10 |
| 1. A QUESTÃO DA MATERNIDADE..... | 16 |
| 2. A CONDIÇÃO DE ESTUDANTE-MÃE..... | 22 |
| 3. EXPERIÊNCIAS DE UMA ESTUDANTE-MÃE..... | 27 |
| PERSPECTIVAS FUTURAS | |
| REFERÊNCIAS..... | 33 |

“Nós ensinamos as garotas a se encolherem, a se fazerem menores, nós dizemos as garotas: “você deve ter ambição, mas não demais””você deve visar ser bem sucedida, mas não tão bem sucedida, caso contrário você vai ameaçar o homem.”[...] Porque eu sou mulher e é esperado que eu almeje o casamento, é esperado que eu faça minhas escolhas da minha vida sempre mantendo em mente que casamento é o mais importante. [...] Nós ensinamos as garotas a não serem seres sexuais do jeito que os garotos são. Nós as fazemos sentir como se, por terem nascido mulheres, elas devem ser culpadas de alguma coisa. Elas crescem para serem mulheres que devem ser silenciadas. [...] Meu amigo Okaluna tinha razão, eu sou feminista. Feminista - a pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica dos sexos.”

Chimamanda Ngozi Adiche

Dedico esse trabalho a minha mãe, batalhadora, que foi meu espelho, minha fonte de inspiração para ser o que sou hoje.

E ao meu filho Lorenzo, por ser a razão de tudo em minha vida, e a motivação desse trabalho ter acontecido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que tanto amo, confio e que todos os dias me dá oportunidades de ver a vida de forma diferente e linda!

Agradeço muito a minha mãe, Eunice, guerreira, que do seu jeito me incentivou a ser uma pessoa melhor e mais forte, por estar ao meu lado todos os dias, que deu o sangue os dias, trabalhou o dia todo, em vários lugares do Brasil, subindo e descendo ladeiras, para que eu e meus irmãos pudéssemos ter uma boa vida, bons estudos, não nos deixou faltar nada, agradeço a ela todo o apoio dado todos os dias com meu Lorenzo, a quem eu tenho certeza que ela ama incondicionalmente, e é graças a ajuda dela que estou fazendo e concluindo essa graduação.

Agradeço a pessoa que me trouxe a vida de volta: Lorenzo, meu filho, minha salvação, seu sorriso é a motivação de eu continuar vivendo todos os dias, acordar todos os dias a seu lado é a maior graça que Deus me deu, é tudo o que eu pedi a ele, espero continuar sendo sua confidente, companheira durante toda a minha vida. Você é tudo o que eu preciso e mais, você me completa, quero sempre aprender com teu pequeno grande coração, meu amor, Te amo!

Agradeço ao meu pai Paulo, que mesmo não sendo um pai presente na minha vida hoje em dia, cuidou de nós enquanto minha mãe trabalhava, sempre me incentivou a estudar e entrar em uma Universidade como ele.

Agradeço a cada um dos meus três irmãos:

À Margareth, por boas conversas, por ser minha amiga e confidente em muitos momentos e que me deu quatro sobrinhas: Giovanna, Rafaela, Manuela e Amanda, meninas que amo tanto e sou muito grata pelos sorrisos delas me alegrarem todos os dias.

Ao Leonardo, meu irmão mais velho, que me inspira, me influencia, e me ensinou e que me ensina tanto até hoje, de quem sou fã, é o meu espelho, meu exemplo de vida, o pai do meu lindo Leandro, e que pai!

Ao Paulo, meu irmãozinho mais novo, a parceria para vida toda que nunca acaba, meu defensor, meu amigo, meu tudo, às vezes mesmo distantes, estando tão perto, nos entendemos sempre!

Agradeço a minha tia Miriam por ser tão boa para mim e para minha mãe, pelos ótimos conselhos e pelo apoio nos momentos de dificuldade.

Agradeço às minhas primas Ana Paula e Luana pela parceria e pela confiança.

Agradeço a minha cunhada Cláudia Lourenço pelas palavras de motivação e apoio de sempre, por ter me presenteado com três sobrinhos maravilhosos, Lucas, Lud e Lele.

Agradeço a minha amiga Bruna Leal, pelos tantos anos de amizade e compreensão, pelos ótimos momentos desde o ensino médio até hoje, pelas risadas e pelo total apoio em todas as minhas decisões.

Agradeço a minha amiga Mariana Gomes, por tantos dias de ensinamento e ombros amigos, tantas palavras que me ajudaram no momentos de desespero, principalmente no momento de descoberta de minha gravidez, enfim, por tantos anos de parceria.

Agradeço às amigas Jordana Matos e Paula Padovani, “we found love in a hopeless place!”

Agradeço aos meus amigos que trabalharam comigo no Departamento de Polícia Federal: Fernando Figueira, Natacha Maciel, Marcelo Guerra, Sérgio Toledo, Juliana do Patrocínio, Leonardo Medeiros, Antônio Mota, Carlos Eduardo Mendes e Glauco Urache, por terem torcido e me apoiado na escolha e ingresso no curso de Pedagogia.

Agradeço as pessoas maravilhosas que conheci durante a minha graduação:

À Joelma Barreto (in memoriam), que tanto me ensinou e me apoiou nos meus primeiros meses de gravidez, e com seu sorriso me encantava todos os dias em que estive presente em minha vida. “Forever angel, i hope they love you like we do, forever angel, I’ll be proud to be like you!”

À Amanda Neves, agradeço por estar comigo todos os dias, que me ensinou o verdadeiro significado do feminismo, que me ensinou a ser mais generosa, e que me segura nos braços quando eu estou sentindo que vou cair, meus melhores conselhos.

Ao Manoel Machado, meu amigo, parceiro, companheiro de todas as horas, boas e ruins, padrinho do Lorenzo, o que seria de mim se eu não tivesse as nossas risadas, nossas conversas, suas palhaçadas para me deixar feliz? Guerreiro, Batalhador e Vencedor!

À Maria Eduarda, agradeço por ter me aproximado de você e estar ao seu lado todos os dias, seguimos nos apoiando e vivenciando nossa maternidade unidas por nossos filhos maravilhosos, Lorenzo e Mariah, minha grata surpresa!

À Hellen Pereira, agradeço por muitas vezes ouvir meus lamentos e por me entender, menina linda e forte, que tanto têm me ensinado nesses quatro anos.

À Daniela Barros e ao Saulo Pequeno, por terem me dado apoio e incentivo para que esse trabalho acontecesse de uma forma linda.

À Débora Oliveira, por me deixar mais forte e segura, pelos longos dias e noites de conversa, por me entender e estar comigo.

Aos meus lindos amigos: Yana Gomes, Jamila Lago, Gabriela Barbie, Dharana Puggi, Stephane Rêgo, Helena Rosa, Patrícia Bittencourt, Aline Nehring, Daniela Sardote, Luciana Fidanza, Ingrid Raina, Mariza Berredo, Fernanda Fernandes, Flaésio Silva, Lucas e Samuel Gusmão, Caroline Freire, Sabrina Dantas, Thaynara Bellino e Anna Novais minhas afilhadas, pelas melhores risadas, pela companhia, por dias de bar e descontração que nos salvaram da rotina, por serem puro amor e generosidade.

Agradeço a minha professora, tutora e orientadora, tão generosa, tão amorosa e compreensiva, Patrícia Pederiva, que é sempre tão paciente com a minha pessoa, que está sempre me ensinando coisas novas, me animando e me estimulando para eu dar o melhor de mim, e abraçou a minha causa e trabalhamos juntas para que esse trabalho acontecesse maravilhosamente bem.

Agradeço aos maravilhosos professores da Faculdade de Educação: Danielle Xabregas, Carmenísia Aires, Cláudia Sanz, Olgamir Francisco, Solange Alves, Luiz Araújo, Erlando Rêses e Maria Aparecida Martins Camarano, que foram tão compreensivos comigo quando eu precisei trazer o meu filhote, nos acolheram tão bem em suas aulas, e me ensinaram tanto ao longo dessa caminhada.

Agradeço a professora Sônia Marise, por ter me acolhido no momento que eu mais precisei, por ter feito eu achar o meu caminho e que sempre me incentivou para que eu chegasse até aqui.

Enfim, agradeço a cada um que um dia fez parte da minha história e contribuiu um pouco com o meu trabalho.

MEMORIAL

“Você grita alto, mas eu não ouço uma palavra do que você diz, estou falando alto, mas as suas balas ricocheteiam, você “atira” em mim, mas eu levanto, eu sou feita de titânio.”(Sia Furler)

Sou Catherine Alessa Maria de Novaes Viana, meu primeiro nome, Catherine, foi dado pelo meu pai que tinha uma certa obsessão pela realeza, meu nome é de origem grega *Aikaterhíne*, que significa “pura, casta”, hoje estou com vinte e oito anos, nascida em 1988, nordestina, pernambucana, São Paulina roxa,,filha de Paulo, pernambucano arretado, agrônomo, e, de Eunice, mineira *braba* batalhadora que lutou sempre pelos filhos e por seus ideais, meus dois exemplos de vida.

Sou apaixonada por Brasília apesar de não ser natural daqui, também sou apaixonada por Moda e Música. Quando bebê, morei em Recife cidade em que nasci e cidade natal de minha família paterna. Com menos de um ano, nos mudamos para Curitiba por vontade do meu pai. Viemos para Brasília quando eu nem tinha feito dois anos ainda. Foi quando minha mãe deu a luz a minha primeira irmã Margareth em 1989. Ela já tinha um filho de um relacionamento anterior, Leonardo. Eu não tinha muito contato com ele, por ter preferido ficar com a minha avó na Asa Norte, assim como meu pai, que tinha dois outros filhos. Meu irmão mais novo, o Paulo nasceu em 1991 também em Brasília. Nosso relacionamento sempre foi muito bom, hoje não muito, mas não deixamos de ter laços fortes. Fomos para São Paulo em 1993, onde ficamos até o ano de 1995. Meus pais se separaram em 1996. Eu, meus irmãos e minha mãe voltamos para Brasília, depois de um breve período morando na casa de uma tia, irmã de minha mãe em Uberlândia. Sempre nos considerei um pouco nômades, até fincarmos raízes em Brasília.

Moramos em Taguatinga durante um ano, até nos mudarmos para o Cruzeiro, que é a minha cidade de coração, cidade que tanto amo, em que passei momentos ruins e bons. Frequentei a Igreja Santa Terezinha durante muito tempo, participava muito de tudo o que acontecia lá, era uma comunidade muito unida, fui catequista, coroinha, membro da Legião de Maria, do Segue-me e cantava nas missas de final de semana. Sempre fui apaixonada por música, cantar foi e sempre será minha paixão na

escola, na Igreja ou fora dela. Pensava que iria seguir alguma carreira por esse lado, mas achava que não conhecia teoria musical suficiente, nem sabia ler partitura e nem tocar nenhum instrumento. Na minha cabeça, como eu seria musicista sem tudo isso? Mas, como aprendi com uma professora, Patrícia, em uma das aulas de Educação Musical, o que importa é fazer música, então eu sempre fui musical, mesmo sem saber a teoria que muitos músicos profissionais possuem.

Na minha trajetória escolar, passei mais maus momentos, que bons, na minha visão. Esse desânimo começou no final do ensino fundamental, não gostava muito da escola que eu estudava e isso se estendeu até o final do meu ensino médio. Havia momentos em que eu não queria de jeito algum ir para a escola, eu não me sentia feliz e integrada aos meus colegas, e muitas vezes ficava excluída do restante do grupo, além dos apelidos maldosos que alguns de meus colegas me davam devido a minha magreza. Pensei muitas vezes em desistir, não só da escola, mas de viver.

Dentre as coisas que me animaram na escola, uma era participar dos eventos musicais e teatrais da escola com meu amigo Felipe. Formamos até um coral e ensaiávamos quase todas as noites, sempre fui muito apaixonada por artistas como Madonna, Sandy e Junior, Spice Girls, Alanis Morissette, Beyoncé, Rihanna, Britney Spears, Elis Regina, Rita Lee, Pitty, Kid Abelha, Maria Rita, Justin Timberlake dentre tantos outros que me inspiraram muito e me inspiram até hoje. Outro momento foi em 2005, nos últimos seis meses de terceiro ano do Ensino Médio, meu irmão mais velho conseguiu um estágio para mim na Procuradoria da República do Distrito Federal. Era o meu primeiro emprego, ganhava meu próprio dinheiro pela primeira vez. Isso fez me sentir útil e ocupada pela primeira vez na minha vida, uma pessoa responsável!

Minha carreira? E agora? Sou uma pessoa indecisa. A carreira que primeiro surgiu e ficou na minha mente era seguir, foi como jornalista.. Era uma das minhas outras paixões, ler, desde muito cedo. Gostava de ler muitos livros na escola, principalmente crônicas e escrever também, principalmente sobre moda e música. Então, quando terminei meu ensino médio no Centro Educacional 02 do Cruzeiro. Fui fazer o meu primeiro vestibular na Universidade de Brasília para Comunicação Social e não passei...ah, que decepção! Essa, como tantas outras que tinha enfrentado na minha vida, me abalaram, mas decidi ficar de pé.

Foram muitos os percalços, imensas barreiras para o estudo. Decidi não continuar mais indo à Igreja, devido às outras decepções que havia tido ali - apesar de

hoje achar que esse capítulo da minha vida foi muito importante, me fez ser muito do que sou hoje, nesse momento vi que já não me importava mais com nada, não queria ter responsabilidades sérias. Ia à muitas festas e shows, só queria saber de me divertir, e mesmo que eu pensasse em alguma outra coisa, ou eu não me achava capaz, ou eu não tinha foco e persistência nos objetivos que eu traçava a curto prazo para mim. Durante muito tempo, uns dois anos mais ou menos, depois de deixar a Igreja, nunca pensava em nada a longo prazo.

Em 2007, por pressão da minha mãe, fui fazer faculdade - curso de Administração com habilitação em Comércio Exterior na União Educacional de Brasília. Fazer esse curso, nunca tinha passado pela minha cabeça, mas, minha mãe havia falado para eu fazer qualquer faculdade para obter um diploma. Na época, achei que seria bom, conheci muita gente, alguns ainda tenho contato até hoje, mas não consegui me identificar com o curso e também a questão financeira pesou um pouco.

Depois dessa tentativa mal-sucedida, de ingressar em um curso de ensino superior, continuei a minha vida. Confesso que não gosto de lembrar dessa época, fui muito infeliz. Tive relacionamentos ruins, mas, quando eu comecei a trabalhar na Polícia Federal em 2008, tudo mudou, conheci várias pessoas maravilhosas que me deram apoio e que estavam ao meu lado nos momentos ruins e bons. Me diverti, ri, chorei e o melhor de tudo aprendi muito, tanto profissionalmente, quanto pessoalmente.

Em agosto de 2012, descobri, por um acaso, através de um exame de gravidez de farmácia que eu estava esperando o meu primeiro filho. Já estava com oito semanas de gestação. Apesar de alguns percalços, essa notícia foi muito importante para minha vida, meu filho mudou todos os meus planos e me deixou uma pessoa mais forte e me fez lutar muito mais pelos meus objetivos. Logo no começo de setembro fui fazer minha primeira ecografia, marcaram-se ali as minhas dez semanas de gestação. Finalmente ouvi e vi o coração daquele serzinho batendo e percebi e que aquilo tudo era real.

Conforme aquela vida ia crescendo dentro de mim, maior era o meu desejo de poder estar preparada para dar uma boa vida para o meu filho. Foi, por acaso, que entrei no site do Cespe e fiquei sabendo das vagas remanescentes do vestibular da UnB. Fiz a minha inscrição no curso de pedagogia com o apoio de um amigo que trabalhava comigo e era formado na UnB no mesmo curso.

Primeira chamada? Nada...não tinha passado, fiquei decepcionada em um primeiro momento, mas coloquei na minha cabeça que iria esquecer rápido. Eu sempre pensava que a Universidade não era coisa para mim, que estava muito distante da minha realidade, até porque na minha família só tinha meu pai que era formado em uma Universidade Federal, e mais ninguém, não tinha esse exemplo próximo.

Eu já estava conformada de que eu iria ser mãe trabalhadora e que se eu fosse demitida dali eu ficaria desempregada e dependente da minha mãe, não talvez para sempre, mas por um longo período de tempo ainda. Essa tarde mudou a minha vida. Recebi uma ligação do Cespe, me informando que eu tinha passado em terceira chamada...terceira chamada? Sim! Eu estava lá, tinha conseguido! Foi uma das notícias mais empolgantes que tinha recebido na minha vida, sai espalhando para todos os que conhecia e, claro, para minha família. Minha mãe não ficou muito animada a princípio, ficou preocupada, por ser um curso noturno e por a gente morar longe da Universidade, me deu apoio, do jeito dela, mas deu.

No final de setembro, quando fiz a minha segunda ecografia, tive a confirmação de que o meu coração de quase mãe já sabia, meu bebê, meu querido bebê, era do sexo masculino. O nome já estava quase escolhido, depois de algumas listas, eu decidi pelo nome Lorenzo, por ter um significado muito forte: *“o coroado de louros!”*.

Com quatro meses de gestação do meu menininho, no mês de outubro, fui pela primeira vez à Faculdade de Educação para fazer a minha matrícula. Alguns dias depois começaram as aulas, e percebi que ali era um mundo totalmente diferente, aquele lugar, aquelas pessoas eram muito diferentes de tudo o que eu já tinha vivenciado. Eu olhava todos ao meu redor e o que eu não conseguia parar de pensar

era de como eu iria fazer depois que o Lorenzo nascesse, e que, além de mim e de uma outra colega, não havia muitas meninas grávidas na Faculdade de Educação. Me sentia sozinha, eu só ia de casa para o trabalho, do trabalho para a faculdade, e da faculdade para casa, via todos os meus colegas indo aos Happy Hours, fazendo cursos, conhecendo a Universidade por inteiro, vivendo aquele momento com plenitude, e eu não me considerava apta a fazer aquilo tudo, por estar grávida.

O meu primeiro semestre na Universidade foi cheio de descobertas, principalmente por começar amizades que foram e ainda são muito importantes ao decorrer do meu curso, alguns foram receptivos, outros não, nesse primeiro semestre, uma delas se destacou: Joelma! Ah, que pessoa! Que mulher! Guerreira, linda, me deu todo o apoio que eu necessitava naquele meu momento, por ser mãe também ela entendia todas as minhas angústias e medos de mãe de primeira viagem, em tão pouco tempo a nossa ligação era muito forte, ela era uma amiga em que eu podia contar para tudo.

E foi assim até o final da minha gestação, nas férias do primeiro ao segundo semestre, recebi uma notícia horrível, ela tinha sofrido um acidente e não tinha sobrevivido, e todos pensavam como iriam me dar essa notícia. Fiquei profundamente triste, e até hoje não acredito que eu não aproveitei mais tempo com ela e penso o quanto ela estaria feliz de estar presente na vida do Lorenzo que ela viu crescer dentro de mim e o que ela sempre conversava.

Em abril de 2013, depois de um trabalho de parto longo e doloroso, através de parto normal, Lorenzo finalmente nasceu. O quão feliz eu fiquei de ver naquele rostinho, um pedaço de mim, um pequeno eu fora de mim. Na Faculdade, no segundo semestre, fiz as matérias á distância, conciliando a maternidade e estudos: Organização da Educação Brasileira, O Educando com Necessidades Especiais e Projeto 2. A professora Danielle Xabregas de OEB, me auxiliou muito nesse período, pensava que não iria conseguir, mas foi possível, graças a esse auxílio.

Voltei no terceiro semestre a frequentar as aulas presencialmente, e conforme se sucederam os semestres, a minha criança ia crescendo e eu também, crescendo e aprendendo junto com ele, aprendendo a ser uma pessoa melhor e a ser mãe.

Depois de várias dificuldades, minhas e de várias outras mães que ingressaram na Universidade, ou que se tornaram mães dentro da UnB, principalmente no curso de Pedagogia, surgiu o meu desejo de falar sobre maternidade em meu trabalho final de

curso. De compartilhar os meus desafios, dificuldades enfrentados por mim durante minha trajetória na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Vários fatores influenciam para que nossa trajetória na Universidade seja fosse fácil, e é sobre eles que quero falar nesse trabalho, como eu consegui chegar até aqui, quem me ajudou, o que passei em sala de aula quando tiver que trazer meu filho para sala de aula, e **se a Universidade de Brasília hoje, está preparada para receber mães estudantes, que não tem com quem deixar seus filhos.**

Pensava que não iria dar conta, ouvi muitas vezes, de muitas pessoas de que não iria conseguir, ou eu mesma colocava em minha cabeça de que não conseguiria, até entrar no Programa de Educação Tutorial, onde começamos a pesquisa com as outras mães da Faculdade de Educação. Lá, pude perceber que realmente não estava sozinha. Comecei também a minha militância com o coletivo de mães da UnB, que ainda está em crescimento, mas que já é alguma coisa para nos apoiarmos, para não nos sentirmos sozinhas.

Depois de batalhas, desafios, cá estou eu, trabalhando em meu projeto final de curso, e o meu desejo é que muitas mães estudantes também possam conseguir o que desejam, necessitam, e não se deixem abalar, pois a guerra só é vencida se lutada juntos.

Assim, a questão de pesquisa deste trabalho é: **Investigar a situação de estudante-mãe no contexto da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.**

Quais foram os **desafios** por mim enfrentados enquanto estudante e mãe do curso de pedagogia? Qual o **perfil** das outras mães que são estudantes do curso de pedagogia? O que a Universidade pode fazer para **evitar a evasão** dessas mães universitárias? Qual é a **legislação cabível** para que a Universidade de Brasília possa assegurar a essas mães o **direito ao acesso e permanência** adequadas as suas realidades? Onde elas podem **recorrer** se acharem que estão sendo discriminadas por parte de professores e alunos?

1. A QUESTÃO DA MATERNIDADE

“Por trás de cada pequena existe uma grande mamãe”, dizia a propaganda de uma bonequinha. Será que existe mesmo? Durkheim (2007), discute a ideia de fatos sociais. O autor (2007), afirma que “os fatos sociais são mais ou menos utilizados para designar mais ou menos todos os fenômenos que se dão no interior da sociedade.” Esses fenômenos, de acordo com ele, são comportamentos e hábitos que parecem emanar de nossa vontade pessoal, mas que na verdade são impostos. Durkheim indica que existem determinismos sociais, antes mesmo de nosso nascimento.

Durkheim (2007), nos leva a pensar no determinismo social relativo à mulher. Sobre ser mãe. Isso não seria uma forma de coerção que a sociedade exerce sobre nós mulheres, e que poderia ser mudada? Será que não existe outra opção para as mulheres a não ser a de assumirem o papel de mãe e esposa?

E, como a maternidade é constituída? Para Nancy Chodorow (2002), ser mãe não é só dar a luz a um filho, é ser uma pessoa que socializa e cuida, ou seja, quebra a ideia de que a mulher é só um “útero”, apenas com finalidade de procriação, elas cuidam de suas crianças, se dedicam, muito mais do que os homens, e historicamente sempre foi assim.

A maternidade, para Piccinini et al.(2008), inicia-se muito antes do processo de concepção, a partir das primeiras relações e identificações da mulher, passando pela atividade lúdica infantil, a adolescência, o desejo de ter um filho e a gravidez propriamente dita, porém, essa afirmação pode ser questionável, já que nem todas as mulheres tem esse desejo, e a maternidade acaba ficando em segundo plano para muitas delas.

Chodorow (2002), cita o termo “maternação” para caracterizar o conjunto de ações e responsabilidades das mulheres enquanto mães, ela fala que maternar atualmente, principalmente com o desenvolvimento do capitalismo é aliar o trabalho remunerado com a maternidade. Entretanto nos lembra que nos primórdios do capitalismo, havia um sistema de ideias, principalmente no contexto dos Estados Unidos, onde a mulher burguesa, tinha o papel de educar e ser um modelo moral para

seus filhos. Essa ideologia, ao mesmo tempo que ia se perdendo em alguns lados, ia se difundindo por outros.

A referida autora, continua falando da historicidade da maternidade, no contexto atual, afirmando que devido a maior inserção das mulheres no mercado de trabalho assalariado, ainda que sofrendo preconceito dentro de seu ambiente de trabalho, as mulheres continuaram exercendo seu papel de mãe, mas elas procuram assistência estudantil e escolaridade para suplementar a maternidade, mas não para substituir o papel de mãe.

Stevens (2007), alia as experiências da maternidade com o feminismo, e faz uma observação interessante sobre a vivência da mulher enquanto mãe, ela faz uma crítica ao negligenciamento da imagem da maternidade nas literaturas e para a sociedade :

Todos nós temos mães, e como mulheres, temos o potencial para sermos mães; mas a maternidade é uma experiência que tem sido deformada, evitada, idealizada, degradada [...] Precisamos entender como a cultura define e valora os papéis como o do guerreiro e da mãe; por que se construiu esta aura de glamour dos heróis enquanto a imagem da mãe é negligenciada, distorcida. (Stevens, 2007, p.17.)

Para alguns, a maternidade ainda é uma característica única e exclusivamente imbuída na mulher, via única de realização pessoal, papel que cabe somente à mulher exigindo atenção total por parte dela, e que ela se anule socialmente para cuidar dos filhos e viver somente para esse fim, como se o pai não tivesse co-responsabilidade pelo cuidado e criação dos filhos. Nesse sentido, Guimarães (2010, p.48) afirma que:

O século XVIII configura-se como o marco inicial de nosso percurso [...] esse período consagrou a mulher como “mulher-mãe” [...] Por essa época o lar e a família tornam-se alvos da atenção feminina, os filhos assumem grande importância e passam a constituir um referencial de valor da dedicação e competência das respectivas mães. A maternidade

passa a ser vista como sacerdócio e, conseqüentemente, implica em sacrifícios, doação, resignação além de devotamento e esquecimento em prol do próximo.

Para a sociedade patriarcal, onde a autoridade gira em torno de um patriarca, ou seja, pela figura de um homem, a natureza da mulher é ser mãe, é seu destino imutável, está no seu biológico, e ela não tem e não deve ter interesses próprios, e pior, fora da maternidade, a mulher não tem realização pessoal, e se ela escolhe não ser mãe, a sociedade não a reconhece como uma “verdadeira mulher”, são consideradas pessoas anormais, sem capacidade de procriação, o que não é verdade, pois a mulher deve ter a sua própria vontade e seu desejo de escolha deve ser respeitado.

Pierre Bourdieu (1999), trata das questões das relações dos gêneros masculino e feminino, a partir da sociedade Cabila, povo nômade ao norte da África, na qual o autor fez uma pesquisa etnográfica e concluiu que nessa sociedade, o homem é visto hierarquicamente superior e construído contra em relação ao feminino, através de alguns conceitos que lhe são particulares. Bourdieu, explica o quanto a dominação masculina está incrustada em nosso modo de pensar, falar, comportar e etc, mantendo essa reprodução da ordem social legitimada.

Para o referido autor *“a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a confirmar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita a cada um dos dois gêneros”* (Bourdieu, 1999, p.11), ou seja, a mulher sempre se restringia a fazer as atividades do lar, com os cuidados com os filhos e até mesmo de seu marido, enquanto que o homem fazia a atividade assalariada, tendo como função reger financeiramente a sua família como seu provedor.

Podemos ver, tanto quanto pela teoria de Bourdieu, quanto por tantas outras teorias, que o homem, não importa de que sociedade ele seja pertencente, não mudará a sua vida, mesmo que se torne pai, um acontecimento tão importante, já a mulher segundo Stevens (2007), poderá até ser considerada uma pessoa “monstruosa”, caso decida-se por exercer atividades remuneradas ou estudar. E essa mulher não se encaixava nos modelos que eram idealizados pela sociedade patriarcal, que exige que a mulher seja mãe e esposa em tempo integral.

Bowers (1996, apud STEVENS, 2007), em seu livro, *The Politics of Motherhood In British Writing and Culture 1680/1769* (1996), explica que a mulher-mãe no século XVIII, começou a aparecer como personagem essencial na estrutura familiar, entretanto:

A maternidade era definida como um conjunto supostamente universal de comportamentos e sentimentos: ternura envolvente e ilimitada, amamentação longa, supervisão constante e educação das crianças, movimentação física restrita ao espaço doméstico, ausência de desejo sexual, rejeição ao trabalho dito produtivo/assalariado.

Stevens (2007), faz duras críticas a falta de literatura a respeito da maternidade, além dessa problemática, ela crítica o machismo arraigado nas literaturas presentes, que quase nunca está pensando na figura da mulher/mãe como o indivíduo em si, mas como uma pessoa secundária, ou seja, a sua figura só existe a partir da produção de uma criança, principalmente na teoria psicanalista de Sigmund Freud, que não fala da figura da mãe em si, somente de como a criança a vê. Adrienne Rich (1997), também faz duras críticas á visão de Freud e a falta de figuras maternas nas literaturas, sob uma perspectiva feminista, sobre isso ela escreve:

As mulheres têm sido mães e filhas, mas têm escrito muito pouco sobre esse assunto; a grande maioria das imagens literárias e visuais da maternidade vem até nós filtrada através da consciência masculina, individual ou coletiva. Assim que uma mulher sabe que uma criança está crescendo dentro de seu corpo, ela encontra-se sob o poder de teorias, ideais, arquétipos, descrições sobre sua nova existência (Rich, 1977. p.62).

No século XX, além das lutas pela igualdade de gêneros, os estudos feministas tem se aprofundado na questão da maternidade, ainda hoje, esse estudos

visam considerar a perspectiva da mulher, a sua realidade, sob sua própria ótica, mesmo que ainda algumas vezes de forma idealizada, ou formas que perpetuam a equação mulher/mãe, porém apresentando outras formas de discussões que apontem para novas imagens das mães.

Stevens (2007) refere-se também à importância da norte-americana , Morrison (2007), e da francesa De Beauvoir (2009), para a afirmação das mulheres na sociedade. Por meio das personagens de Morrison (2007), principalmente em seu livro mais conhecido *Beloved*, onde as mulheres negras e também as mães, através da personagem Sethe, podiam se identificar com a personagem. Na maioria das suas obras, as personagens centrais eram mulheres fortes, que achavam maneiras para se esquivar das formas de racismo que sofriam. E, De Beauvoir (2009), em sua obra, o Segundo Sexo, considerada à frente de seu tempo, e muito polêmica falava da liberação de métodos contraceptivos e aborto em tempos de conservadorismo, e também da condição psicológica da mulher que teve uma gravidez indesejada.

As lutas feministas para a igualdade de gênero, ao redor do mundo e no Brasil, no começo do século XIX e no decorrer do século XX e XXI e que se estendem até os tempos atuais, foram e são essenciais para que pudessem tanto ser levantadas muitas questões acerca do ser mulher e ser mãe, tanto na inclusão de direitos para as mulheres que antes só podiam ser exercidos pelos homens, direitos esses, essencialmente básicos, como trabalhar fora de casa, estudar e até mesmo votar.

Dentre essas questões, ainda podemos ver, por exemplo, o divórcio, a questão da escolha de ser mãe ou não e poder recorrer aos métodos contraceptivos, ao menos as mulheres de classes sociais mais altas, que segundo Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), seriam donas de sua própria sexualidade, graças à introdução dos mesmos, passando pela discussão da liberação do aborto seguro e de tudo aquilo que lhes é designado como natural pela sociedade.

Pode-se perceber que as mulheres têm cada vez mais o poder de escolha, como dito anteriormente. Apesar disso, para muitas mulheres, de acordo com Guimarães (2010), a maternidade revela-se como dimensão de grande importância. As mulheres entrevistadas por ela em sua tese de mestrado revelaram que a maternidade para elas foi um destino natural, mas que embora a vivência da maternidade ainda seja de extremo valor na constituição da identidade da mulher, outras dimensões da vida se fazem cada vez mais importantes e presentes na vida delas.

Atualmente, o maior desafio enfrentado pelas mulheres, é continuar lutando contra o machismo, o conservadorismo e valorizar as conquistas alcançadas durante as últimas décadas do século XXI, em todos os campos da vida das mulheres, que ser mãe e exercer outros papéis, como o de trabalhar e estudar é totalmente possível, ainda que os determinismos sociais impostos sejam outros.

Uma das dimensões da vida da mulher é a de estudante. Entretanto, quando o ser estudante coincide com o ser mãe, essa condição pode ser extremamente complicada de ser vivida . Isso acontece, entre muitos fatores, porque as instituições não parecem estar preparadas para lidar com essa situação. Por que isso acontece? Existem leis que protegem as mulheres nessa condição? Quais são elas? Como isso está assegurado ou não pelas leis? De que modo? É disso que trataremos no próximo tópico deste trabalho.

2. A CONDIÇÃO DE ESTUDANTE-MÃE

É dever do Estado assegurar às mulheres, garantia de direitos, entre elas podemos citar algumas, principalmente, direitos sociais básicos, como podemos ver na Constituição Federal de 1988:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (...)

Art. 203. A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos: I - a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice; (BRASIL, 1988)

No Artigo sexto, a CF de 1988, fala sobre o dever do Estado em proteger a maternidade? O que ele queria dizer com isso? Somente que a mulher, enquanto mãe será protegida pela lei maior do Estado Brasileiro que, caso engravide, tenha direitos como licença maternidade, sem prejuízo sobre seu emprego ou seu salário.

Nos parágrafos anteriores, podemos ver um pouco da historicidade e a constituição da maternidade, que, em outras décadas, as mulheres não tinham direitos e que estavam fadadas a serem submissas a seus maridos e a terem que se dedicar exclusivamente a seus filhos. Com certeza, a aquisição desses direitos foram importantes para a conquista de espaços, e o mercado de trabalho é um deles.

E em relação às mulheres que ingressam nos cursos de Nível Superior? E as mulheres-mães, como elas tem conseguido ingressar e permanecerem nas Instituições, principalmente no contexto da Universidade de Brasília, mais precisamente no curso de Pedagogia?

Tem se observado durante os anos que, graças às mudanças nos programas educacionais brasileiros que o acesso e permanência das mulheres aos cursos de Nível Superior nas Universidades Federais no Brasil aumentou. O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) juntamente com

a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), elaboraram uma pesquisa onde apontou que as mulheres matriculadas nas Universidades Federais (exceto da classe denominada A) já são de são 53,5% do total de matrículas, e esses dados se referem a todas as regiões do Brasil¹. Isso se deve, principalmente pela criação do programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto 6.094 de 24 de abril de 2007 e do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), instituído pelo Decreto 7.234 de 19 de julho de 2010.

Ainda se tratando da pesquisa realizada pela FONAPRACE, ela é uma pesquisa que traz o dado diferente que nenhum dos outros censos realizados no país possui, como o Censo da Educação Superior, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), essa pesquisa traça o perfil dos estudantes das Universidades Públicas Federais, e inclui os dados dos estudantes com filhos (o maior percentual de estudantes com filhos é nas regiões Norte com 16,8% e Centro-Oeste com 13,07%), e traz um dado ainda mais importante, qual o percentual de pais que utilizam os serviços de creche oferecidos pelas Universidades Federais que é de 43,38%, esse percentual nos mostra o quão é importante a universalização das creches nas Universidades, pois é um número muito alto de estudantes-mães e pais que utilizam-se desse serviço.

Entretanto, existe uma problemática muito forte nessa pesquisa, em momento algum ela especifica dentro desse percentual de estudantes que tem filhos, quantas são estudantes-mães. Esse dado continua desconhecido, por enquanto.

Em se tratando dos dados coletados pelo INEP no Censo da Educação Superior de 2014, afirma-se que: as mulheres são as estudantes mais frequentes, independente da modalidade de ensino, presencial, ou à distância, abrangendo as Instituições de Nível Superior Públicas e Privadas.

Se na pesquisa da ANDIFES em parceria com a FONAPRACE, não diferencia o número percentual de estudantes-mães dos estudantes-pais das Universidades Federais, o Censo do INEP de 2014, em momento algum tampouco cita tais dados de

¹ Pesquisa realizada em 2010 através de questionários elaborados pela FONAPRACE e ANDIFES, em que os estudantes respondiam algumas questões, através de uma plataforma, para traçar o perfil socioeconômico dos estudantes das Universidades Federais.

percentagem de alunos pais e mães que ingressam nos cursos de Nível Superior, ficando esses dados desconhecidos, ou seja, invisibilizando-os

O mais importante é que a relação entre o aumento de mulheres ingressantes e a permanência dessas mesmas mulheres nos cursos de Nível Superior é que, essas mulheres são mães em potencial, e que caso engravidem durante sua graduação, elas não encontrarão estrutura física, jurídica, ou falta de apoio da gestão de sua Instituição. Isso não é um fato que pode ser generalizado, mas, que deve ser levado em consideração.

O PNAES, programa instituído pelo Decreto nº 7234 em 2010, para garantir o acesso e permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, é um dos poucos documentos oficiais que tratam da condição de estudante-mãe, dando a ela o direito à creche na Universidade em que estuda, o PNAES diz que:

Art. 2º São objetivos do PNAES: I – democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal; II - minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior; III - reduzir as taxas de retenção e evasão; e IV - contribuir para a promoção da inclusão social pela educação. [...] § 1º As ações de assistência estudantil do PNAES deverão ser desenvolvidas nas seguintes áreas: VIII - creche; (BRASIL, 2010)

Várias Universidades Brasileiras já possuem suas próprias creches, tendo como exemplo, a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR), essas creches foram instituídas graças à reivindicação das estudantes-mães dessas Universidades, tendo como objetivo básico, segundo Raupp (2004), as creches das Universidades Federais foram criadas com objetivo de atender filhos da comunidade universitária.

Das 52 Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), 19 delas instalaram 26 creches, sendo assim, algumas universidades possuem duas unidades de educação infantil dentro da instituição tanto para atender as demandas dos estudantes pais e mães, quanto para os trabalhadores das Instituições, a Universidade Federal de São

Paulo (USP), foi a pioneira na instalação de creches em seu interior, graças a luta de funcionários, alunos e professores que começaram um movimento na década de 1970, consolidado somente no final da década até o começo da década de 1980 para as principais Universidades Federais e Estaduais São Paulo (USP, UNESP E UNICAMP).

Para Raupp (2004), esse número de creches nas Universidades Federais Brasileiras, ainda é muito pequeno se comparado com o número de Instituições Federais que ainda não possuem creches, ao todo são 33 IFES não mantêm unidades de Educação Infantil para atender os pais e mães universitários, faltando por parte dos gestores dessas universidades cuidado para com essas causas, ficando esses estudantes sem amparo para que possam estudar com tranquilidade.

No contexto da Universidade de Brasília, o único programa de Educação Infantil, que deveria atender de forma gratuita a comunidade universitária, é o Programa Infante-Juvenil (PIJ) que foi criado pela Associação dos Funcionários da Fundação Universidade de Brasília (ASFUB), mas, que, devido ao alto custo da mesma, muitas estudantes-mães não conseguem pagar.

Em muitos outros momentos, as estudantes-mães têm encontrado dificuldade em sua permanência, devido a falta de apoio e estrutura que a Universidade de Brasília, não oferece, começando pela falta de creche pública ou pecúnia para tal, ou, até por fatores emocionais como o constrangimento sofrido por parte de alunos e professores da Universidade. Essa falta de apoio que as estudantes-mães não possuem por parte da gestão da Universidade, ou de docentes, faz com que muitas vezes, as mesmas se evadam de seus cursos (PET- EDU 2016).

Um dos aspectos que devem ser tratados e de extrema importância é a falta de legislação vigente que abranjam as estudantes-mães, principalmente se tratando da Universidade de Brasília, o seu Estatuto, não diz nada específico sobre, abrangendo somente os estudantes que se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica, sem outras especificidades, como a condição de estudante-mãe, por exemplo.

A respeito do acesso e permanência dos estudantes, não há discriminação de qual perfil (socioeconômico, por exemplo) de estudante ele abarca. O Estatuto da UnB, afirma que:

Art. 4º A Universidade de Brasília organiza e desenvolve suas atividades em conformidade com os seguintes princípios: II.– liberdade de ensino, pesquisa e extensão e de difusão e socialização do saber, sem discriminação de qualquer natureza; X.– compromisso com a democratização da educação no que concerne à gestão, à igualdade de oportunidade de acesso, e com a socialização de seus benefícios; (Fundação Universidade de Brasília, 2011).

As dificuldades de permanência das estudantes na condição de mães são inúmeras. Alguns fatos evidenciam a discriminação sofrida por parte das estudantes-mães. Exemplo disso, está na impossibilidade dessa estudante ter que permanecer da Casa do Estudante, se engravidar. Em geral, a estudante nessa condição, não possui recursos para moradia, tendo sido, muitas vezes, afastada de seus familiares. Se consegue algum tipo de auxílio para sua manutenção enquanto estudante, essa mãe, também se deparará com a dificuldade em manter sua criança. Após o período de amamentação, ela terá que alimentá-lo. Entretanto, só há isenção de taxa no restaurante universitário, até os dois anos de idade. Após isso, a mãe terá que arcar com esses custos. Assim, de que modo ela vai conseguir estudar?

É preciso encarar essa problemática de frente. Desinvisibilizar as estudantes nessas condições. Saber o que necessitam para melhorar sua condição como pessoas, cidadãs, mães e estudantes.

Nesse intento, a partir de agora, no texto, relatarei, como pesquisadora e estudante, minha condição de mãe e como a Universidade de Brasília se relacionou comigo nesse período, com o objetivo de levantar as principais dificuldades sofridas durante esse período, e, de que modo tenho conseguido permanecer na universidade, nessa condição.

3. EU, ESTUDANTE-MÃE:

Em outubro do ano de 2012, ingressei no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, entretanto, a Universidade já era um sonho muito antes disso quando concluí o Ensino Médio em 2005, mas os percalços da vida me fizeram seguir outros caminhos antes de realizar esse sonho.

Quando ingressei no curso de Pedagogia, havia um aspecto que me diferenciava dos colegas que ingressaram comigo, eu estava grávida, assim como mais de 20 milhões de mulheres brasileiras², segundo pesquisa do Instituto Data Popular de 2015 eu seria mãe solteira, decisão difícil, porém não impossível.

Thurler (2009), fala da deserção da paternidade no Brasil, em que os homens podem se “livrar” da paternidade indesejada, enquanto que as mulheres são condenadas a ela. Foi exatamente assim que aconteceu comigo, mas me contentei com o fato de que seria assim mesmo, e que eu teria que fazer muito mais esforço do que os meus colegas para poder estudar e participar bem da vida universitária que eu estava ingressando.

No primeiro semestre, não senti muita dificuldade de ir às aulas, aceitei todas as matérias que me ofertaram como caloura, mas, pelo cansaço de ter que conciliar os estudos com o trabalho, e também conforme a gravidez avançava, não estava comparecendo tanto às aulas quanto no começo do semestre, e isso ocasionou na desistência de uma disciplina.

No final do primeiro semestre para o começo do segundo semestre, com a gravidez em estágio final, em que eu não iria voltar para as aulas presenciais, dei entrada nos estudos domiciliares, em que a aluna pode cumprir suas atividades escolares em sua própria residência, e que toda aluna gestante tem direito de acordo com a Lei 6.202 de 17 de abril de 1975, entretanto essa lei não atende todas as necessidades das estudantes-mães, ela diz que:

Art. 1º A partir do oitavo mês de gestação e durante três meses a estudante em estado de gravidez ficará assistida pelo regime

² Pesquisa feita Pelo Instituto Data Popular:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-05/brasil-tem-mais-de-20-milhoes-de-maes-solteiras-aponta-pesquisa>

de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei número 1.044, 21 de outubro de 1969. (BRASIL, 1975)

Um dado me parece alarmante na lei de exercícios domiciliares, é o abismo que há entre a instituição dessa lei e a elaboração da Constituição Federal de 1988, a distância que há entre as mesmas, não havendo na CF 88 atualização para tal lei e nenhuma inclusão de direitos ou aumento da licença gestante da estudante-mãe.

Dando entrada nos meus estudos domiciliares, comecei a sentir uma maior dificuldade de ser estudante-mãe. A secretaria de graduação da Faculdade de Educação, me comunicou que eu não poderia fazer todas as disciplinas, pois haviam algumas que não admitiam a aplicação de exercícios domiciliares, havendo somente duas opções, ou eu trancava as disciplinas, ou teria que fazê-la presencialmente, tendo que trazer meu filho recém nascido para às aulas.

Optei por trancar as disciplinas, pois levar o meu filho pequeno para às aulas e estava fora de cogitação, já que seria muito desgastante para um bebê recém nascido, pois a estrutura física tanto da Universidade, quanto da Faculdade de Educação, não está preparada para receber estudantes-mães com seus bebês, principalmente no período de amamentação.

Quando Lorenzo nasceu em 09 de abril de 2013, e as aulas já haviam começado, e poucos dias depois, também iniciei em minha residência as disciplinas em que consegui me matricular: Organização da Educação Brasileira, O Educando com Necessidades Especiais e Projeto 2. Considerei esse período tranquilo, apesar de reconhecer a importância de frequentá-las presencialmente, pois, eu tive muito apoio das professoras, me auxiliando com as dúvidas que eu tinha.

No terceiro semestre, com o vencimento da minha licença maternidade, voltei a frequentar as aulas presencialmente. Optei por me matricular somente em três disciplinas, devido ao desgaste que seria por ter que levá-lo comigo às aulas, como ele já não era um bebê recém nascido, já poderia levá-lo com mais tranquilidade.

Nesse semestre e no quarto semestre, senti um acolhimento muito bom por parte dos professores das disciplinas que cursei, sendo eles muito compreensivos com o fato de eu ter que levá-lo para assistir as aulas comigo. Entretanto, como ele ainda

era muito pequeno, eu sentia dificuldade de ficar na sala durante muito tempo, devido a sua agitação, então, isso me atrapalhava um pouco, até que um determinado momento minha mãe se oferecera para cuidar dele durante esse período que eu estivesse em sala de aula.

Apesar do apoio que tinha da minha mãe, tive que abrir mão do meu emprego, além da burocracia que as mães enfrentam para conseguir uma vaga nas creches públicas. O mais grave era a falta de vagas nas creches públicas, principalmente porque Lorenzo estava com seis meses naquela época, e é onde há uma maior lacuna de vagas nas creches.

Mesmo que a Constituição Federal de 1988 garanta esse direito de acesso às creches públicas para as crianças de faixa etária de 0 a 5 anos, sabemos que essa não é a realidade. Fui uma das pessoas que não consegui vaga para meu filho em nenhuma creche, pois não preenchi os requisitos estabelecidos pela Regional de Ensino, que são muito burocráticos por sinal.

Por ter que sair do meu emprego, e não ter ajuda por parte do pai de meu filho, fui atrás de alguma coisa que pudesse garantir a minha permanência na Universidade, foi quando fiquei sabendo, através de colegas, da existência da assistência social da Universidade de Brasília, mais especificamente do programa do MEC/FNDE, Bolsa Permanência, que consiste na concessão de um auxílio de R\$400,00 para alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Dei entrada no pedido para concessão dessa bolsa na Diretoria de Desenvolvimento Social (DDS) da Universidade, e consegui. Até hoje esse valor, juntamente com o Auxílio Alimentação no Restaurante Universitário (RU), foi fundamental para que eu pudesse permanecer na Universidade.

Em meu quinto semestre, me vi em uma situação que não tinha passado até agora em minha breve trajetória na Universidade, eu que sabia que existia, mas, entretanto, não comigo. Constrangimento. Até agora só tinham cruzado o meu caminho, professores muito compreensivos com o fato de que eu teria que levar o meu filho comigo para assistir às aulas.

Dessa vez foi diferente. Apesar de ter o apoio de minha mãe para ficar com ele, algumas vezes optava por levá-lo, e nesse período eu tinha voltado a trabalhar. Minha mãe cuidava dele pela manhã todos os dias enquanto eu estava no trabalho. Como ainda estava me readaptando á condição de estudante-mãe, ainda não havia me

matriculado em muitas disciplinas, e justamente na sexta à tarde havia me matriculado nessa disciplina.

Tinha planejado tudo direito e , assim que saísse do trabalho, iria buscá-lo em minha casa para levá-lo comigo, tudo isso antes de até mesmo começar o semestre. Quando começou, meu planejamento não deu certo, até porque os nossos filhos não entendem e nem tem o dever de entender o nosso planejamento. Saía às 13 horas do trabalho, e entendi que seria mesmo muito corrido, mas mesmo assim insisti devido a importância de cursar aquela disciplina, pelo fato de ela ser obrigatória para o meu curso e estava alguns semestres atrasada em relação aos meus colegas.

Peguei-o em casa e com a “cara e a coragem” fui para a UnB. No caminho, várias coisas aconteceram e colaboraram para que eu chegasse atrasada à aula. Assim que cheguei, minha surpresa, fui interpelada na porta pela professora que me disse que eu não iria poder assistir à aula, porque já estava muito atrasada e estava com o meu filho, e que se essa situação fosse se repetir era melhor que eu trancasse a disciplina, me mostrando o caminho da secretaria.

Confesso que até ai nunca pensei que fosse passar por tal situação, ou presenciar, ou nunca tinha ouvido relatos de alguém já havia passado por isso, já que as minhas colegas mais próximas não eram mães. Encarei aquilo de uma forma difícil, aquela professora havia me humilhado na frente de todos os meus colegas e eu não podia exercer o meu direito básico de estudar, simplesmente pelo fato de ser estudante-mãe e trabalhadora.

Nos semestres que se seguiram, situações parecidas não ocorreram novamente comigo, entretanto, algumas professoras ainda me pediam para sair da sala de aula quando viam o meu filho inquieto, choroso, certamente para que não “atrapalhasse” as aulas delas, mais uma vez impedindo meu direito de poder estudar tanto quanto os meus colegas de curso.

Em minha trajetória fui conhecendo várias outras estudantes-mães e outras que engravidaram durante sua graduação. Várias delas tinham o apoio de seus familiares para cuidar de seus filhos enquanto elas estavam ali, e outras não, tinham que muitas vezes trazê-los consigo, enfrentando todas as dificuldades que a estudante-mãe enfrenta, a empatia foi mútua.

Desde que entrei no Programa de Educação Tutorial (PET-EDU), entendi ainda mais a relevância de visibilizar esse assunto, através da pesquisa que foi

realizada com as também estudantes-mães da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, que são em torno de 40, segundo questionário aplicado com essas estudantes, a partir daí vimos aí a necessidade de utilizarmos essa pesquisa para buscar atender a necessidade dessas estudantes de acordo com as demandas citadas pelas próprias estudantes, e por enquanto está dando certo, principalmente com a mobilização e a empatia dos estudantes que não são mães e pais ainda.

Atualmente, o meu filho está com 3 (três) anos de idade. Desde o meu ingresso, vivi algumas fases críticas enquanto estudante mãe do curso de Pedagogia, mas confesso que não tenho nenhum arrependimento de minha condição.. O meu filho foi o maior incentivo para que eu pudesse voltar a estudar e hoje estou concluindo meu curso com a ajuda dele, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, por mim e por meus familiares, que me auxiliaram nessa jornada, eu consegui.

Com esse relato de experiência, espero que outras estudantes mães se identifiquem, e acreditem, e mais, se unam para que possamos conseguir que todas consigam se formar, lutar para que se possa ao menos garantir os direitos básicos das estudantes e suas (seus) filhas (os): não apenas a estrutura física, mas que a comunidade universitária como um todo consiga acolher as estudantes-mães de maneira mais humana e não preconceituosa, mais leis que garantam o direito ao acesso e permanência das mães no Ensino Superior, e o mais importante, a criação de mais creches nas Universidades públicas e particulares do país, para que as mulheres consigam conciliar de forma integral a maternidade e a educação.

PERSPECTIVAS FUTURAS.

O meu sonho agora, talvez o maior deles, é poder ser uma boa mãe para o Lorenzo, é fazer com que ele sinta que eu tenho o amor maior do mundo, amor que eu nunca sentira por ninguém, e poder dar-lhe não somente bens materiais, mas bens que não tem e nunca terão preço.

Ingressei no curso de Pedagogia com um pensamento, estou saindo dele com outros pensamentos, pensamentos políticos e ideológicos totalmente diferentes, o curso de Pedagogia me trouxe outras visões que eu nem imaginava que poderia ter. Com certeza, posso dizer que o curso ampliou e muito o meu campo de visão, principalmente no que concerne a nossa formação.

Sou muito grata e me sinto privilegiada por ter conseguido ingressar na Universidade de Brasília e espero que eu possa usar essa experiência para inspirar outras pessoas a acreditarem e nunca desistirem dos seus sonhos, pois esse era o meu, e graças a muita insistência, consegui.

Espero, nesse momento, poder concluir meu curso com tranquilidade para realizar um dos meus dois objetivos profissionais: exercer a docência em escolas públicas que amo e que defendo com todo prazer, dou valor a escola pública, pois sei da realidade, já que toda a minha trajetória escolar foi em escola pública, sei que não é fácil e entendo da necessidade de atuar nessas escolas, ou, passar no concurso de agente da Polícia Federal, são duas carreiras que eu me vejo facilmente atuando e conseguindo me realizar profissionalmente, e, pessoalmente falando.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Patrícia Zulato ; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Maternidade: Novas Possibilidades, Antigas Visões**. Psicologia clínica. Rio de Janeiro, 2007, vol.19, n.1, pp.163-185. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652007000100012&script=sci_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652007000100012&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso 16. Set. 2016.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 29. Set. 2016.

_____. Decreto 7234 de 19 de julho de 2010, na qual instituiu o Programa Nacional de Assistência Estudantil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm Acesso em 01. Out. 2016.

_____. Lei 6202 de 17 de abril de 1975, na qual atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6202.htm. Acesso em 23. Out. 2016.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução: Maria Helena Kuhner - 2 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOWERS, Toni. *The Politics of Motherhood In British Writing and Culture 1680/1769*. Cambridge, 1996 apud STEVENS, Cristina Maria Teixeira, coord. *Maternidade e Feminismo: Diálogos Interdisciplinares*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

CHODOROW, Nancy. *Psicanálise da Maternidade: Uma crítica a Freud a partir da Mulher*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2002.

DE BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Tradução Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 apud STEVENS, Cristina Maria Teixeira, coord. *Maternidade e Feminismo: Diálogos Interdisciplinares*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

DURKHEIM, Èmile. *Regras do Método Sociológico*. Tradução: Paulo Neves - 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 2-3.

FONAPRACE/ANDIFES. *Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras*. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE). Brasília, Julho, 2011.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Estatuto e Regimento Geral da Universidade de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2011. Disponível em: http://www.unb.br/unb/transparencia/downloads/regimento_estatuto_unb.pdf Acesso em: 29. Set. 2016.

GUIMARÃES, Francisca Celina Moraes. *Caleidoscopicamente mulher: dilemas e desafios contemporâneos*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília. Brasília, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. *Notas sobre o Censo da Educação Superior de 2014*. Ministério da Educação: Brasília, 2015.

MORRISON, Toni. *Beloved 2 ed.*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2007 apud STEVENS, Cristina Maria Teixeira, coord. *Maternidade e Feminismo: Diálogos Interdisciplinares*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007

PICCININI, César Augusto, et. al. *Gestação e Constituição da Maternidade*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 1, p. 63-72, jan./mar. 2008.

RICH, Adrienne. *Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution*. New York: Norton, 1976.

RAUPP, Marilena Dandolini. *Creches nas Universidades Federais: Questões, Dilemas e Perspectivas*. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 86, p. 197-217, abril 2004.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira, coord. *Maternidade e Feminismo: Diálogos Interdisciplinares*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

TUTORIAL, Programa de Educação. *As Estudantes-mães da Faculdade De Educação da Universidade de Brasília: Discutindo Condições de Estudo e Permanência*. Brasília: PET-Educação UnB , 2016 (no prelo).

THURLER, Ana Liesi. *Em Nome da Mãe, O Não Reconhecimento Paterno no Brasil*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.